

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**Sequência didática:
Memórias em disputa - escravidão e abolição no Brasil**

**Raphael Augusto Vicário Silva
NUSP 10270992
Prof^a Dra. Antônia Terra
Ensino de História: Teoria e Prática
Vespertino**

**São Paulo
2021**

1. **Tema:** Construção e questionamento da memória do movimento abolicionista no Brasil.
2. **Justificativa:** Partindo do processo de construção e questionamento da narrativa oficial acerca da abolição da escravidão no Brasil (1888) estabeleceremos conexão com o fortalecimento do debate acerca de marcos e lugares de memória da escravidão no espaço público (derrubada de estátuas de mercadores de escravos, resgate de escritores de origem africana, etc) e com as recentes manifestações “Vidas Negras Importam” ao redor do mundo. Desse modo, a sequência a seguir tem como proposta apresentar aos alunos a discussão sobre memória oficial, memórias subterrâneas e esquecimentos, questionar a visão tradicionalista da história brasileira – além de tentar devolver protagonismo a agentes históricos esquecidos como Luiz Gama, Maria Firmina dos Reis e centenas de escravizados que se utilizaram de diferentes estratégias de resistência.
3. **Objetivos**
 - problematizar o senso comum sobre a escravidão e o processo de abolição;
 - pensar a abolição como uma questão amplamente debatida no período e como uma conquista (ainda que incompleta) de diferentes agentes históricos, sobretudo de origem africana;
 - incutir as noções de diferentes temporalidades e continuidade entre o processo de formação brasileiro e questões contemporâneas;
 - pensar a memória e as narrativas oficiais como espaços de disputa;
 - analisar e relacionar fontes históricas de diferentes períodos e naturezas de forma crítica.
4. **Duração e Público:** A sequência a seguir foi elaborada para o curso do Ensino Médio, terceiro ano, e tem duração de quatro aulas de 50 minutos. Contudo, o desenrolar sempre depende das facilidades e dificuldades de cada turma.
5. **Metodologia:** A sequência foi estruturada a partir de diferentes atividades de análise documental que demandam a participação ativa dos alunos. Assim, o papel do docente será de direcionar leituras, estabelecer debates e propor questões frente as diferentes fontes apresentadas, além de estimular a troca de informações entre os estudantes, tirar possíveis dúvidas e apresentar informações extratextuais.

6. Materiais utilizados

- Computador e projetor para exibição das imagens e textos;
- Impressão, no papel, dos documentos selecionados para a aula;
- Alunos deverão utilizar caderno ou outro meio de anotar as discussões coletivas e do seu próprio grupo;

7. **Atividades:** Esta sequência didática é estruturada em quatro aulas com atividades de análise documental. A primeira tem como objetivo apresentar a temática da memória da escravidão, inicialmente mobilizando seus conhecimentos prévios com uma discussão a partir de um vídeo proposto ao professor e, em seguida, problematizando as visões mais tradicionais da escravidão com análise de textos literários – essa atividade tem como objetivo iniciar os debates sobre espaços de memória, memórias em disputa e processo de formação da história oficial. A segunda aula se debruça sobre o senso comum acerca do processo de abolição, por meio da análise de uma história em quadrinhos; mais interessante do que estudar essa memória oficial é estimular os estudantes a perceber a forma como essas narrativas se tornam parte da memória coletiva. A terceira aula busca problematizar a narrativa oficial da aula anterior, apresentando o movimento abolicionista em sua pluralidade e em seus próprios termos – para isso serão disponibilizados a sala um conjunto de documentos da autoria de Luiz Gama. A quarta e última aula fecha a discussão sobre espaços de memória, agora pensando na contestação das narrativas tradicionais e, por fim, mobiliza os conhecimentos adquiridos nas aulas anteriores para a formulação de novos debates e conclusão.

AULA 1: Introdução e memória da escravidão

O intuito dessa primeira aula é introduzir à turma a principal problemática da sequência: memória oficial e esquecimento. Com o objetivo de mobilizar os conhecimentos prévios dos alunos e instigá-los a um debate complexo e (provavelmente) novo, o professor pode projetar a sketch de humor do grupo Porta dos Fundos, *Escravidão* (segue o link): <https://www.youtube.com/watch?v=SSsEgDLsSrk>

Se necessário, contextualize o vídeo, explicando que o grupo humorístico produziu a sketch como forma de ridicularizar a fala de políticos de direita durante as eleições de 2018. Em seguida, o docente pode colocar para a turma as seguintes questões:

- Qual a premissa da sketch? Qual a construção humorística do vídeo?
- Vocês acham que essa é uma visão do tráfico de escravizados difundida entre a população brasileira?
- Em termo gerais, como a escravidão no Brasil é percebida e/ou representada pelas suas famílias, pela mídia, na internet, etc.? Vocês acham que é uma concepção precisa?

Pode-se supor que serão citados novelas, livros, conversas na família/entre amigos ou até mesmo a herança africana na música, na culinária etc. Para estimular a problematização do senso comum, sugere-se que o (a) professor(a) projete em slide ou distribua impresso aos alunos os seguintes trechos de textos literários (como não faz parte da proposta que a turma leia o conto ou o capítulo inteiro, mas trechos que contribuem para a análise proposta, o (a) professor(a) pode contar de forma sucinta o enredo dos textos):

- *O tronco do Ipê*, capítulo V, “Tia Chica”. José de Alencar: o capítulo do romance mostra o encontro de um grupo de crianças, acompanhadas por mucamas, com um casal de escravos idosos em seu casebre. Pai Benedito e Tia Chica conversam com as crianças e demonstram sua afeição pelos sinhozinhos.

[...] - *Alto frente! Tarara-ram! Tarara-ram, tram!...*

E ei-los a tocar o hino nacional com acompanhamento de zabumba e trombone.

O importante personagem, honrado com essa continência militar, era um preto, que assomara à porta da cabana de palha, trazido naturalmente pelo rufo da caixa e pelo gazeio dos meninos.

Quando ele viu quem se aproximava, voltou-se e disse para dentro:

- Olha mãe; é nhanhã que vem visitar a você!

- Bem-dito sejas, meu menino Jesus! Respondeu uma voz doce e arrastada.

Entretanto prosseguia a continência:

- Viva papai Benedito! gritou Mário.

[...] - Viva o rei do Congo!

[...] - Obrigado, meu branco, obrigado.

Isto dizia o preto descendo a ladeira e parando a cada passo para curvar-se, abrindo os braços e beijando as duas mãos em sinal de agradecimento. [...] Ser motivo de alegria para esse menino que ele adorava, não podia ter maior satisfação a alma rude mas dedicada do africano.

[...] *Quando as meninas entraram na cabana, Mário [...] tirou do seio um pequeno embrulho enrolado em lenço. Dentro havia uma moedinha de prata de cunho antigo que valia uma pataca e um pequeno registro de São Benedito.*

O preto recebeu o mimo de joelhos e como se fosse uma relíquia sagrada. [...] Cumpre advertir que pai Benedito não era desses pretos, que suspiram pelo vintém de fumo; ele gozava de certa abastança, devida a seu gênio laborioso, e às franquezas que lhe deixava o senhor. Seu reconhecimento não tinha pois mescla de interesse; era puro gozo de saber-se lembrado e querido pelo menino.

[...] *Pai Benedito era um preto alto e robusto. Ordinariamente grave e tristonho, a idade que já andava pelos sessenta, o natural temperamento, e especialmente sua qualidade de feiticeiro, o dispunham ao recolhimento e constante preocupação.*

Mas havia uma força bastante poderosa para arrancar ao seu natural essa alma robusta; era a afeição de Mário.

[...] *Entrando na cabana, Mário achou Alice e Adélia sentadas à cabeceira de Tia Chica.*

[...] - *Adeus, vovó; está melhor? disse Mário adiantando-se.*

- *Melhorzinha, nhonhô Mário, parece que Nosso Senhor ainda não me quer.*

- *Há de ficar boa logo; eu já rezei a Nossa Senhora! exclamou Alice.*

- *Reza, reza, nhanhã. Deus lhe há de pagar.*

Alencar, José de. O tronco do Ipê. [original: Rio de Janeiro, 1871], cap. V.

O docente pode dar tempo aos alunos, para leitura individual, ou propor uma leitura conjunta, de qualquer modo, após a leitura do texto o (a) professor(a) pode propor as seguintes questões à turma:

1. Como Pai Benedito é retratado nos trechos de *O tronco do ipê*?
 2. O que o uso de termos como “tia”, “pai” e “vovó” denotam das relações entre senhores e escravos no romance de José de Alencar? Justifique sua resposta.
 3. Retorne ao trecho em que o narrador fala sobre a “certa abastança” de Pai Benedito. O que essa “abastança” implicaria para um indivíduo dentro do sistema escravista? Justifique sua resposta.
- “A Escrava”. Maria Firmina dos Reis: o conto se inicia num jantar em que a narradora, abolicionista, passa a contar a história de seu encontro com uma escravizada fugida e seu filho, também cativo, abusados pelo senhor. A mulher dá abrigo aos dois, ouve a história da escravizada que morre em seguida. No dia seguinte encontra com o senhor de escravos, mas já conseguira a liberdade do escravizado por meios legais.

[A escravizada chega, se esconde, em seguida surge um feitor] *um homem apareceu no extremo oposto do caminho. Era ele de cor parda, de estatura elevada, largas espáduas, cabelos negros, e anelados. Fisionomia sinistra*

era a desse homem, que brandia, brutalmente, na mão direita um azorrague repugnante; e da esquerda deixava pender uma delgada corda de linho.

– Inferno! Maldição! Bradava ele, com voz rouca. Onde estará ela? E perscrutava com a vista por entre os arvoredos desiguais que desfilavam à margem da estrada.

[...]

[Após a partida do feitor, quando chega o filho da escrava] *– Amanhã, continuou ele, hei de ser castigado; porque saí do serviço, antes das seis horas, hei de ter trezentos açoites; mas minha mãe morrerá se ele a encontrar. Estava no serviço, coitada! Minha mãe caiu, desfalecida; o feitor lhe impôs que trabalhasse, dando-lhe açoites; ela deitou a correr gritando. Ele correu atrás. Eu corri também, corri até aqui porque foi esta a direção que tomaram. Mas, onde está ela, onde estará ele?*

[...]

[A escravizada conta para a narradora sua história] *– Minha mãe era africana, meu pai de raça índia; mas eu de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava. Eram casados e desse matrimônio, nasci eu.*

[...] *Um dia apresentou a meu senhor a quantia realizada, dizendo que era para o meu resgate. Meu senhor recebeu a moeda sorrindo-se – tinha eu cinco anos – e disse: A primeira vez que for à cidade trago a carta dela. Vai descansado.*

Custou a ir à cidade; quando foi demorou-se algumas semanas, e quando chegou entregou a meu pai uma folha de papel escrita, dizendo-lhe:

– Toma, e guarda, com cuidado, é a carta de liberdade de Joana. Meu pai não sabia ler; de agradecido beijou as mãos daquela fera. Abraçou-me, chorou de alegria, e guardou a suposta carta de liberdade.

Então furtivamente eu comecei a aprender a ler, com um escravo mulato, e a viver com alguma liberdade. Isso durou dois anos. Meu pai morreu de repente, e no dia imediato meu senhor disse a minha mãe:

– Joana que vá para o serviço, tem já sete anos, e eu não admito escrava vadia. Minha mãe, surpresa, e confundida, cumpriu a ordem sem articular uma palavra.

Nunca a meu pai passou pela ideia, que aquela suposta carta de liberdade era uma fraude; nunca deu a ler a ninguém; mas, minha mãe, à vista do rigor de semelhante ordem, tomou o papel, e deu-o a ler; àquele que me dava as lições. Ah! Eram umas quatro palavras sem nexos, sem assinatura, sem data! Eu também a li, quando caiu das mãos do mulato. Minha pobre mãe deu um grito, e caiu estrebuchando. Sobreveio-lhe febre ardente, delírios, e três dias depois estava com Deus.

[...] Um homem apeou-se à porta do Engenho, onde juntos trabalhavam meus pobres filhos – era um traficante de carne humana. Ente abjeto, e sem coração! Homem a quem as lágrimas de uma mãe não podem comover, nem comovem os soluços do inocente.

[...] A hora permitida ao descanso, concheguei a mim meus pobres filhos, extenuados de cansaço, que logo adormeceram. Ouvi ao longe rumor, como de homens que conversavam. Alonguei os ouvidos; as vozes se aproximavam. Em breve reconheci a voz do senhor. Senti palpitar desordenadamente meu coração; lembrei-me do traficante... Corri para meus filhos, que dormiam, apertei-os ao coração. Então senti um zumbido nos ouvidos, fugiu-me a luz dos olhos e creio que perdi os sentidos.

Não sei quanto tempo durou este estado de torpor; acordei aos gritos de meus pobres filhos, que me arrastavam pela saia, chamando-me: mamãe! Mamãe!

[...] No dia seguinte, era já de tarde, estava quase a desfilar o saimento da infeliz Joana, quando à porta da minha casinha, vi apear-se um homem. Era o senhor Tavares [o senhor dos dois escravizados]. Cumprimentou-me com maneiras da alta sociedade, e disse-me:

– Desculpe-me, querida senhora, se me apresento em sua casa, tão brusca e desazadamente; entretanto... [...] – Peço-lhe mil desculpas, se a vim incomodar.

DOS REIS, Maria Firmina. “A Escrava”. [original: Maranhão, 1887]

O mesmo procedimento do texto anterior, após a leitura dos trechos o (a) professor(a) pode propor as seguintes questões à turma:

1. Como o senhor Tavares é retratado em “A Escrava”? A forma como se apresenta à narradora é similar a sua descrição pelos escravos?
2. No conto de Maria Firmina dos Reis, os abusos sofridos por Joana e seu filho são um caso isolado de senhor truculento ou uma violência intrínseca à instituição escravista? Justifique com elementos do texto.
3. Como os escravizados são retratados no documento?

Após as questões serem respondidas, o docente pode propor os seguintes questionamentos, para uma atividade comparativa dos dois textos literários:

- A qual gênero textual esses textos pertencem? Na sua opinião, qual o público-alvo?

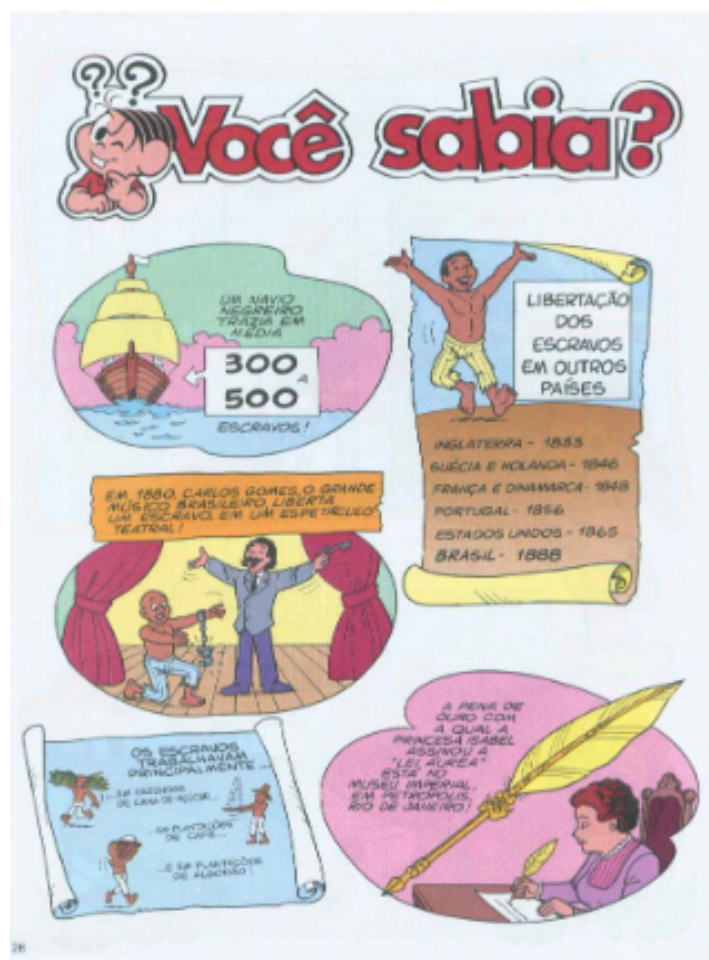
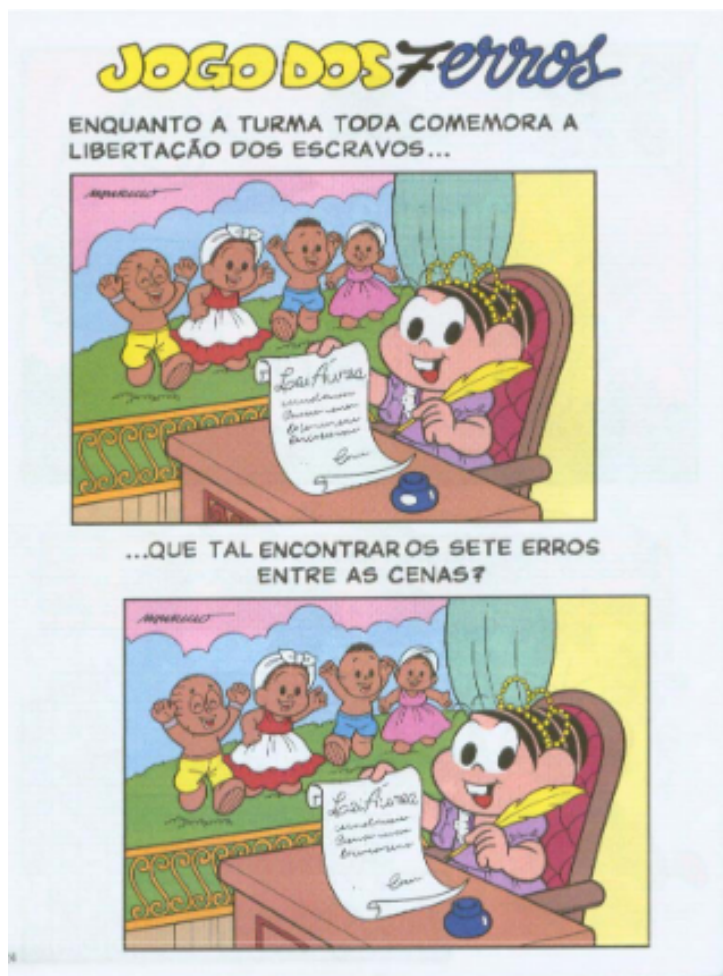
- Vocês provavelmente já estudaram José de Alencar, mas talvez não tenham ouvido falar de Maria Firmina dos Reis, apesar de serem contemporâneos. Vocês acham que o fato de um ser considerado clássico e ser muito estudado, enquanto a outra permaneceu desconhecida pode ter influenciado na forma como a escravidão era ou ainda é lembrada?

- Segundo sua percepção, as representações mais recentes da escravidão brasileira (novelas de época, discursos políticos, quadrinhos, o vídeo do início da aula) se aproximam mais do romance de Alencar ou do conto de Maria Firmina? Por quê?

AULA 2: Memória da abolição

A próxima aula desta sequência se destina a abordar as maneiras como o movimento abolicionista e a abolição se fixaram no imaginário popular e construíram uma memória até hoje difundida. As ideias abolicionistas tomaram conta do debate público da segunda metade do século XIX, sobretudo nas décadas de 1870-1880; figuras como André Rebouças, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco e Luiz Gama serviram como importantes

lideranças, mas apesar disso são pouco lembrados nas comemorações e representações da abolição. Para trabalhar esse fenômeno o docente pode projetar ou distribuir impresso o seguinte excerto do almanaque “Você Sabia? Abolição dos Escravos” da Turma da Mônica, de maio de 2003:



TURMA da Mônica

ABOLIÇÃO DO Escravos

SEGUNDA PARTE

RU BARBOSA!

QUEM É O CARREUDO?

ISSI! CEBOLINHA! MAIS RESPEITO!

ELE É UMA DAS MAIORES CARGAS DO NOSSO TEMPO!

ENTÃO! POR O QUE SU DISSE!

CEBOLINHA!!

FALE SOBRE AS PUNIÇÕES AOS ESCRAVOS, LÁ!

QUANDO UM ESCRAVO É REBELDE, ELE É PUNIDO PUBLICAMENTE, SERVINDO DE EXEMPLO AOS OUTROS...

VINTE CHICOTADAS!

...GERalmente, NUM TRONCO DE PELCUPINHO!!

27

QUEM CUMPRE A TAREFA DE ACOTAR O ESCRAVO É O FEITOR!

ESTE VAI USAR A MÁSCARA DE FERRO!

TENTOU ROUBAR COMIDA!

OUTRA PUNIÇÃO É DEIXAR O NEGRO PRESO NO TRONCO...

...O ESCRAVO QUE FOSE...

...É PERSEGUIDO PELO CAPITÃO DO MATO...

...E DEPOIS DE CAPTURADO E CHICOTEADO É OBRIGADO A USAR UMA PEÇAÇA ARRUELA DE FERRO NO PESCOÇO...A GARGALHEIRA...

EU NÃO DESISTO!

28



Estúdio Maurício de Sousa, Turma da Mônica - Você Sabia? Abolição dos Escravos. São Paulo, 2003, pág. 24; 26-30; 32-33.

Questões:

1. O documento é composto por uma história-em-quadrinhos, um passatempo e algumas curiosidades. Qual o público-alvo do texto? Qual a intenção do documento?
2. Observe os quadros das leis do Ventre Livre e do Sexagenário; observe a narração e a linguagem corporal das personagens. Como são retratadas as promulgações dessas leis? Na narrativa contada no quadrinho, foram marcos importantes? Justifique sua resposta.
3. Agora observe o quadro final da história; preste atenção nas cores, na linguagem corporal das personagens, no cenário etc. Como é retratada a assinatura da Lei Áurea?

4. Como o quadrinho retrata o movimento abolicionista e todo o processo de abolição?
5. Como os escravizados são retratados na história em quadrinhos?
6. Dos eventos e personagens históricos representados, qual teve maior importância para a abolição da escravidão no Brasil, segundo o quadrinho e os passatempos do almanaque? Justifique citando elementos do gibi.
7. O quadrinho apresenta um pouco a história do quilombo de Palmares, uma das resistências africanas mais famosas contra a escravidão. Contudo, Palmares foi derrotado ainda no séc. XVII:
 - A) O que esse salto de quase 200 anos feito pelo quadrinho revela sobre a forma que pensamos na luta contra a escravidão?
 - B) O que teria acontecido nesse meio tempo?

O intuito da análise desse documento é demonstrar a forma que a memória oficial da abolição como presente da Princesa Isabel encontra capilaridade ainda no século XXI e perpassa obras e representações populares, que os próprios estudantes talvez tenham tido contato. Após a turma debater o documento e responder às questões o (a) professor(a) pode propor os seguintes questionamentos:

- Vocês acham que a forma como a escravidão era (ou ainda é) lembrada, se aproximando ou afastando das representações vistas na última aula (Alencar e Maria Firmina), pode influenciar na narrativa que se conta sobre o processo de abolição?

- Vocês acham que isso pode influenciar nos agentes históricos que lembramos como mais ou menos importantes?

- Até hoje muitas crianças crescem e aprendem a ler com as revistinhas da Turma da Mônica. Vocês acham que a maneira que obras populares como essa retratam a história do Brasil pode influenciar o imaginário popular?

Em seguida, o docente pode projetar ou distribuir impresso a seguinte capa da Revista Ilustrada, importante veículo abolicionista e republicano do século XIX, com publicações

de caráter político e satírico, de julho de 1888. O desenho é de Angelo Agostini, um dos mais célebres ilustradores do período.



Ao analisar este documento, pretendemos incutir nos estudantes noções de temporalidades mais extensas, processos que se estendem bem mais além do nível do evento, do tempo acontecimental; a escolha dessa imagem é por conta de sua data de publicação, meses após a assinatura da Lei Áurea, o que demonstra que a construção da memória coletiva, exemplificada pelo gibi da Turma da Mônica, data do próprio período da abolição. Sugerimos ao docente lançar a classe as seguintes questões:

1. Quem são as personagens retratadas na imagem? O que estão fazendo?
2. Uma das figuras retratadas possui o epíteto de “Redentora”. O que a escolha dessa palavra sugere sobre o processo abolicionista?
3. A partir da imagem, podemos inferir qual narrativa era contada sobre o processo de abolição, ainda no séc. XIX? Justifique sua resposta.
4. Pense nos textos literários de José de Alencar e Maria Firmina dos Reis, e também na história em quadrinhos que acabamos de ler. Pense em como os escravizados são retratados nessas narrativas. Como esses autores do séc. XIX e dos anos 2000 retratam as ações e reações dos negros escravizados dentro do sistema escravista?
5. Vocês acham que essas concepções sobre a realidade da escravidão (dos autores do séc. XIX, mas também de 2003) podem ter influenciado na escolha da Princesa Isabel para ocupar a posição central do processo de abolição? De que maneira?

Por fim para facilitar os trabalhos da terceira aula, que tratará de forma mais aprofundada do movimento abolicionista - a partir da vida e obra de Luiz Gama, numa perspectiva de micro-história -, recomenda-se que o docente deixe como lição de casa a análise de um dentre uma seleção de cinco documentos. Assim, a terceira aula será utilizada para que os alunos possam trocar informações e reconstruir sozinhos a trajetória de Luiz Gama e, posteriormente, para que o (a) professor(a) proponha novas questões à turma. A proposta da atividade está mais detalhadamente descrita a seguir, dentro da aula 3.

AULA 3: Luiz Gama e a luta abolicionista

A terceira aula desta sequência pretende colocar a turma em contato com fontes primárias e permitir sua análise de forma autônoma. Estruturalmente, esta aula se contrapõe a anterior, apresentando a luta abolicionista em seus próprios termos, em sua diversidade de estratégias, agentes e amplitude nacional, agora sem a mediação da

memória oficial estudada na aula anterior. Para isso sugere-se que o docente utilize a história de Luiz Gama, poeta, jornalista, advogado e ex-escravo como exemplar da luta abolicionista. Nascido na Bahia, mas firmando sua trajetória intelectual em São Paulo, Luiz Gama transitou por grande pluralidade de espaços (geográficos e sociais), o que faz seu caso *sui generis* para análise do movimento e das ideias abolicionistas; seu trabalho de libertação de escravizados por meios legais também permite que, por meio de sua vida, observemos um pouco acerca das estratégias e agências cotidianas de trabalhadores cativos. A proposta é que os estudantes desenvolvam, em casa, a análise dos seguintes documentos abaixo – todos textos relacionados à Luiz Gama, seja de sua autoria, seja em referência ao intelectual.

Cada texto será sorteado entre os alunos, de forma que, ao longo desta terceira aula, possam formar grupos e trocar informações. Recomenda-se que pelo menos um aluno sorteado para cada texto participe dos grupos. O(a) professor(a) terá o papel de elaborar questões disparadoras que sirvam de ponto de partida para a análise em casa e, já durante a aula, tirar dúvidas e auxiliar, quando necessário, transitando de grupo em grupo.

- Oficina 1: Poema “Quem sou eu?” [trecho]
- Oficina 2: “Emancipação”, Luiz Gama
- Oficina 3: Carta para Lúcio de Mendonça, Luiz Gama [trechos]
- Oficina 4: “Luiz G. P. Gama”, Luiz Gama
- Oficina 5: Última página da vida de um grande homem, Raul Pompéia [trechos]

Oficina 1:

[...]

O que sou e como penso,

Aqui vai com todo o senso,

Posto que já veja irados

*Muitos lorpas enfunados,
Vomitando maldições
Contra as minhas reflexões.
Eu bem sei que sou qual Grilo
De maçante e mau estilo;
E que os homens poderosos
Desta arenga receosos,
Hão de chamar-me tarelo,
Bode, negro, Mongibelo;
Porém eu, que não me abalo,
Vou tangendo o meu badalo
Com repique impertinente,
Pondo a trote muita gente.
Se negro sou, ou sou bode,
Pouca importa. O que isto pode?
Bodes há de toda a casta,
Pois que a espécie é muita vasta...
Há cinzentos, há rajados,
Baios, pampas e malhados,
Bodes negros, bodes brancos,
E, sejam todos francos,
Uns plebeus, e outros nobres,
Bodes ricos, bodes pobres,
Bodes sábios, importantes,
E também alguns tratantes...
Aqui, nesta boa terra,
Marram todos, tudo berra;
Nobres Condes e Duquesas,*

*Ricas Damas e Marquesas,
Deputados, senadores,
Gentis-homens, vereadores;
Belas Damas emproadas,
De nobreza empantufadas;
Repimpados principotes,
Orgulhosos fidalgotes,
Frades, Bispos, Cardeais,
Fanfarrões imperiais.
Gentes pobres, nobres gentes,
Em todos há meus parentes.
Entre a brava militança
Fulge e brilha alta bodança;
[...]
Na suprema eternidade,
Onde habita a Divindade,
Bodes há santificados,
Que por nós são adorados.
Entre o coro dos Anjinhos
Também há muitos bodinhos. —
[...]
Jove quando foi menino,
Chupitou leite caprino;
E, segundo o antigo mito,
Também Fauno foi cabrito.
Nos domínios de Plutão,
Guarda um bode o Alcorão;
Nos lundus e nas modinhas*

São cantadas as bodinhas:

Pois se todos têm rabicho,

Para que tanto capricho?

Haja paz, haja alegria,

Folgue e brinque a bodaria;

Cesse, pois, a matinada,

Porque tudo é bodarrada!

GAMA, Luiz. “Quem sou eu?” in: Primeiras Trovas Burlescas de Getulino [original: São Paulo, 1859]

Questões sugeridas como ponto de partida:

- A qual gênero textual o documento pertence? Na sua opinião, qual o público-alvo?
- Qual a temática principal do poema? Justifique com elementos do texto
- Qual o tom adotado pelo eu-lírico?
- Quais outras pessoas/grupos sociais são citados no poema, além do próprio eu-lírico?

Oficina 2:

Ilustrado redator: Acabo de ler, sem espanto, mas com pesar, o contristador escrito, publicado na [...] Província [de São Paulo] de hoje, contra o distinto cidadão José do Patrocínio.

Em nós, até a cor é um defeito, um vício imperdoável de origem, o estigma de um crime; e vão ao ponto de esquecer que esta cor é a origem da riqueza de milhares de salteadores, que nos insultam; que esta cor convencional da escravidão, como supõem os especuladores, à semelhança da terra, ao través da escura superfície, encerra vulcões, onde arde o fogo sagrado da liberdade.

Vim [lembrar ao] ofensor do cidadão José do Patrocínio por que nós, os abolicionistas, animados de uma só crença, dirigidos por uma só ideia, formamos uma só família, visando um sacrifício único, cumprimos um só dever.

José do Patrocínio, por sua elevada inteligência, pelos seus brios, pelo seu patriotismo, pela nobreza do seu caráter, pela sua honradez, que não têm cores, tornou-se credor da estima e é digno dos louvores dos homens de bem.

GAMA, Luiz. “Emancipação” in: Gazeta do Povo [original: São Paulo, 1880]

Questões sugeridas como ponto de partida:

- A qual gênero textual o documento pertence? Na sua opinião, qual o público-alvo?
- Quais outras pessoas/grupos sociais são citados ao longo do texto?
- Quem foi José do Patrocínio?
- O que o uso do pronome “nós” implica sobre a autoria do texto?
- E quanto a posição política do autor, qual a implicação do uso de do coletivo “nós”?

Justifique com elementos do texto.

Oficina 3:

São Paulo, 25 de julho de 1880

Meu caro Lúcio [de Mendonça]

Recebi o teu cartão com a data de 28 do pretérito.

Não me posso negar ao teu pedido, porque antes quero ser acoimado de ridículo, em razão de referir verdades pueris que me dizem respeito, do que vaidoso e fátuo, pelas ocultar, de envergonhado: aí tens os apontamentos que me pedes e que sempre eu os trouxe de memória.

Nasci na cidade de S. Salvador, capital da província da Bahia, em um sobrado da rua do Bângala, formando ângulo interno, em a quebrada, lado direito de quem parte do adro da Palma, na Freguezia de Sant'Ana, a 21 de junho de 1830, por às 7 horas da manhã, e fui batizado, 8 anos depois, na igreja matriz do Sacramento, da cidade de Itaparica.

Sou filho natural de uma negra, africana livre, da Costa Mina (Nagô de Nação), de nome Luiza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã.

Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a cor era de um preto retinto e sem lustro, tinha os dentes alvíssimos como a neve, era muito ativa, geniosa, insofrida e vingativa.

Dava-se ao comércio — era quitandeira, muito laboriosa, e mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram efeito.

Era dotada de atividade. Em 1837, depois da Revolução do dr. Sabino, na Bahia, veio ela ao Rio de Janeiro, e nunca mais voltou. Procurei-a em 1847, em 1856 e em 1861, na Corte, sem que a pudesse encontrar. Em 1862, soube, por uns pretos minas que conheciam-na e que deram-me sinais certos, que ela, acompanhada com malungos desordeiros, em uma "casa de dar fortuna", em 1838, fora posta em prisão; e que tanto ela como os seus companheiros desapareceram. Era opinião dos meus informantes que esses "amotinados" fossem mandados por fora pelo governo, que, nesse tempo, tratava rigorosamente os africanos livres, tidos como provocadores.

Nada mais pude alcançar a respeito dela. Nesse ano, 1861, voltando a São Paulo, e estando em comissão do governo, na vila de Caçapava, dediquei-lhe os versos que com esta carta envio-te.

Meu pai, não ousou afirmar que fosse branco, porque tais afirmativas neste país, constituem grave perigo perante a verdade, no que concerne à melindrosa presunção das cores humanas: era fidalgo; e pertencia a uma das principais famílias da Bahia, de origem portuguesa. Devo poupar à sua infeliz memória uma injúria dolorosa, e o faço ocultando o seu nome.

Ele foi rico; e, nesse tempo, muito extremoso para mim: criou-me em seus braços. Foi revolucionário em 1837. Era apaixonado pela diversão da pesca e da caça; muito apreciador de bons cavalos; jogava bem as armas, e muito melhor de baralho, amava as súcias e os divertimentos: esbanjou uma boa herança, obtida de uma tia em 1836; e, reduzido à pobreza extrema, a 10 de novembro de 1840, em companhia de Luiz Cândido Quintela, seu amigo inseparável e hospedeiro, que vivia dos proventos de uma casa de tavolagem na cidade da Bahia, estabelecida em um sobrado de quina, ao largo da praça, vendeu-me, como seu escravo, a bordo do patacho "Saraiva".

Remetido para o Rio de Janeiro, nesse mesmo navio, dias depois, que partiu carregado de escravos, fui, com muitos outros, para a casa de um cerieiro português, de nome Vieira, dono de uma loja de velas, à rua da Candelária, canto da do Sabão.

[...] Repellido como "refugo", com outro escravo da Bahia, de nome José, sapateiro, voltei para a casa do sr. Cardoso, nesta cidade [Campinas, SP], à rua do Comércio nº 2, sobrado, perto da igreja da Misericórdia.

Aí aprendi a copeiro, a sapateiro, a lavar e a engomar roupa e a costurar.

Em 1847, contava eu 17 anos, quando para a casa do sr. Cardoso, veio morar, como hóspede, para estudar humanidades, tendo deixado a cidade de Campinas, onde morava, o menino Antônio Rodrigues do Prado Júnior; hoje doutor em direito, ex-magistrado de elevados méritos, e residente em Mogi-Guassu, onde é fazendeiro.

Fizemos amizade íntima, de irmãos diletos, e ele começou a ensinar-me as primeiras letras.

Em 1848, sabendo eu ler e contar alguma cousa, e tendo obtido arditosa e secretamente provas inconcussas de minha liberdade, retirei-me, fugindo, da casa do alferes Antônio Pereira Cardoso, que aliás votava-me a maior estima, e fui assentar praça. Servi até 1854, seis anos; cheguei a cabo de esquadra graduado, e tive baixa de serviço, depois de responder a conselho, por ato de suposta insubordinação, quando tinha-me limitado a ameaçar um oficial insolente, que me havia insultado e que soube conter-se.

[...] Durante o meu tempo de praça, nas horas vagas, fiz-me copista; escrevia para o escritório do escrivão major Benedito Antônio Coelho Neto, que tornou-se meu amigo; e que hoje, pelo seu merecimento, desempenha o cargo de oficial-maior da Secretaria do Governo; e, como amanuense, no gabinete do exmo. sr. conselheiro Francisco Maria de Souza Furtado de Mendonça, que aqui exerceu, por muitos anos, com aplausos e admiração do público em geral, altos cargos na administração, polícia e judicatura, e que é catedrático da Faculdade de Direito, fui eu seu ordenança; por meu caráter, por minha atividade e por meu comportamento, conquistei a sua estima e a sua proteção; e as boas lições de letras e de civismo, que conservo com orgulho.

Em 1856, depois de haver servido como escrivão perante diversas autoridades policiais, fui nomeado amanuense da Secretaria de Polícia, onde servi até 1868, época em que "por turbulento e sedicioso" fui demitido a "bem do serviço público", pelos conservadores, que então haviam subido ao poder. A portaria de demissão foi lavrada pelo dr. Antônio Manuel dos Reis, meu particular amigo, então secretário de polícia, e assinada pelo exmo. dr. Vicente Ferreira da Silva Bueno, que, por este e outros atos semelhantes, foi nomeado desembargador da relação da Corte.

A turbulência consistia em fazer eu parte do Partido Liberal; e, pela imprensa e pelas urnas, pugnar pela vitória de minhas e suas idéias; e promover processos em favor de pessoas livres criminosamente escravizadas; e auxiliar licitamente, na medida de meus esforços, alforrias de escravos, porque detesto o cativo e todos os senhores, principalmente os Reis.

Desde que fiz-me soldado, comecei a ser homem; porque até os 10 anos fui criança; dos 10 aos 18, fui soldado. Fiz versos; escrevi para muitos jornais; colaborei em outros literários e políticos, e redigi alguns.

Agora chego ao período em que, meu caro Lúcio, nos encontramos no "Ipiranga", à rua do Carmo, tu, como tipógrafo, poeta, tradutor e folhetinista principiante; eu, como simples aprendiz-compositor, de onde saí para o foro e para a tribuna, onde ganho o pão para mim e para os meus, que são todos os pobres, todos os infelizes; e para os míseros escravos, que, em número superior a 500, tenho arrancado às garras do crime.

Eis o que te posso dizer, às pressas, sem importância e sem valor; menos para ti, que me estimas deveras.

Teu Luiz.

GAMA, Luiz. "Carta à Lúcio de Mendonça" in: Cartas Brasileiras, RODRIGUES, Sérgio (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Questões sugeridas como ponto de partida:

- A qual gênero textual o documento pertence? Na sua opinião, qual o público-alvo?
- Em linhas gerais, quem é o remetente? Quais ideias políticas são defendidas por ele?
- Que formas de resistência à escravidão foram adotadas pelo autor?
- Quais outras pessoas/grupos sociais são citados ao longo do texto?

Oficina 4:

Meu caro redator,

Permitir-me-á que, por um pouco, eu abuse da vossa reconhecida benevolência.

Sei que algumas pessoas desta cidade, aproveitando caridosamente o ensejo do movimento acadêmico, mandaram dizer para a corte, e para o interior da província, que isto por aqui, ao peso de enormes calamidades, ardia entre desastres temerosos, e desolações horríveis, atestados por agentes da INTERNACIONAL!... e que eu (que não deveria, por certo, faltar à sinistra balbúrdia) estava capitaneando uma tremenda insurreição de escravos!

Parece, à primeira vista, que tudo isto não passou de simples manejo de boatos humorísticos, propalados por histriônicos de suíça, no intuito de promoverem o riso dos parvalhões seletos; e de certo os ânimos joviais muito terão folgado com estes chorrilhos de mentiras extravagantes.

Preciso é, porém, não perder de vista em toda esta calculada urdidura o malévolo espírito de intriga política, tão artilosa quanto oportunamente manejado; pois é digno da mais sisuda observação que, ao passo que se anunciava o incêndio do edifício da academia jurídica, as barricadas pelas ruas, o encontro das canoas bélicas no Tamanduateí e a sanguinolenta insurreição dos escravos, insinuava-se com a mais requintada perfidia, em cartas endereçadas a pessoas consideradas, que a Loja América¹ não é estranha à resistência acadêmica, e que esta loja maçônica trabalha sob os influxos de agentes da Internacional!... E tudo isto é calculadamente dito para obstar adesões ao partido republicano cujo desenvolvimento começa a incomodar os graves servidores do rei, e deste modo explica-se a cuidada hipocrisia da imprensa monarquista, que não cessa de propalar que o partido republicano compõe-se de “comunistas, de abolicionistas, de internacionalistas” e muitas outras associações “irreligiosas” e perigosíssimas.

Não quero que meu humilde nome sirva de móvel a especuladores impudicos, nem alimentar, com o meu modesto silêncio, a indecisão de alguns espíritos timoratos, para os quais são industriosamente escritas semelhantes balelas.

Sou agente da Loja América em questões de manumissão, e, com o eficaz apoio dela, tenho promovido muitas ações em favor de pessoas livres, ilegalmente mantidas em cativeiro. A isto somente e à promoção das subscrições filantrópicas em proveito dos que pretendem alforriar-se tem-se limitado todo o meu empenho em prol da emancipação; nem outra há sido a nobre missão da Loja América.

¹ A Loja América foi uma loja maçônica que atuava de diversas maneiras para a inserção dos libertos na sociedade, desde assistência jurídica e processos de alforria à alfabetização e ensino técnico de ofícios. O docente pode fornecer essa informação em um glossário, junto com o documento.

Protesto sinceramente, não só para fazer calar os meus caluniadores políticos, como aos inimigos da Loja América, que não sou nem serei jamais agente ou promotor de insurreições, porque de tais desordens ou conturbações sociais não poderá provir o menor benefício à mísera escravatura, e muito menos ao partido republicano, a que pertenço, cuja missão consiste, entre nós, em esclarecer o país.

Se algum dia, porém, os respeitáveis juizes do Brasil esquecidos do respeito que devem à lei, e dos imprescindíveis deveres, que contraíram perante a moral e a nação, corrompidos pela venalidade ou pela ação deletéria do poder, abandonando a causa sacrossanta do direito, e, por uma inexplicável aberração, faltarem com a devida justiça aos infelizes que sofrem escravidão indébita, eu, por minha própria conta, sem impetrar o auxílio de pessoa alguma, e sob minha única responsabilidade, a aconselharei e promoverei, não a insurreição, que é um crime, mas a “resistência”, que é uma virtude cívica, como a sanção necessária para pôr preceito aos salteadores fidalgos, aos contrabandistas impuros, aos juizes prevaricadores e aos falsos impudicos detentores.

Esta é a verdade que profiro sem reboço, e que jamais incomodará aos homens de bem.

Sou vosso respeitador e amigo,

São Paulo, 9 de novembro de 1871.

LUIZ GAMA

GAMA, Luiz. “Luiz G. P. Gama” in: Correio Paulistano [original: São Paulo, 1871]

Questões sugeridas como ponto de partida:

- A qual gênero textual o documento pertence? Na sua opinião, qual o público-alvo?
- Por que o autor do texto está sendo caluniado?
- O que as tentativas de calúnia revelam sobre o autor do documento?
- Quais outras pessoas/grupos sociais são citados ao longo do texto?

Oficina 5:

Por volta das três horas e meia do dia 24 entrou-me pela casa um amigo:

– Sabes? disse bruscamente, o Luiz Gama morreu!...

– O que está dizendo?!...

– Morreu...

– ... Luiz Gama?!

– Sério, tristemente sério, afirmou-me o amigo.

Era sério, era verdade. Aquele grande benfeitor da humanidade não existia mais, aquele enorme coração, que só batia pelos outros, cessara de palpitar; aquela grande alma, feita de todas as nobrezas do caráter, dissolvera-se pelo desconhecido da morte.

[...] Depois, não sei que grandeza admirava naquele advogado, a receber constantemente em casa um mundo de gente faminta de liberdade, uns escravos humildes, esfarrapados, implorando libertação, como quem pede esmola; outros, mostrando as mãos inflamadas e sangrentas das pancadas que lhes dera um bárbaro senhor; outros... inúmeros... E Luiz Gama os recebia a todos com a sua aspereza afável e atraente; e a todos satisfazia, praticando as mais angélicas ações, por entre uma saraivada de grossas pilhérias de velho sargento.

Toda essa clientela miserável saía satisfeita, levando este uma consolação, aquele uma promessa, um outro a liberdade, alguns dinheiro, alguns um conselho fortificante...

E Luiz Gama fazia tudo: libertava, consolava, dava conselhos, demandava, sacrificava-se, lutava, exauria-se no próprio ardor, como uma candeia iluminando à custa da própria vida as trevas do desespero daquele povo de infelizes, sem auferir uma sombra de lucro, entendendo que advogado não significa o indivíduo que vive dos jantares que lhe paga Têmis; entendendo que deve-se fazer um pouco de justiça grátis. E, com esta filosofia, empenhava-se de corpo e alma, fazia-se matar pelo bem. O herói...

Pobre, muito pobre, deixava para os outros tudo o que lhe vinha das mãos de algum cliente mais abastado; doente, moribundo, encontrava no âmago da sua natureza uma reserva instintiva de energia, e ia gastá-la em proveito da justiça e da beneficência oculta, avessa à fanfarra das reclamações, sublime. Tudo isto conglobava-se-me no espírito, como uma grande esfera de luz, sobre a qual levantava-se a figura nobre, irresistível do bom Luiz Gama. Havia para ele como que um trono em minha alma.

Eu votava-lhe o grande culto das lendas heroicas...

[...] Depois entraram sucessivamente amigos do finado, negros, que ele libertara, vizinhos que o prezavam. Todos, com um raminho de alecrim que havia por perto num copo, respingavam água benta sobre o cadáver.

[...] Devia fazer-se a pé. O cemitério estava longe, no extremo oposto da cidade, para as bandas da Consolação. Porém, que o corpo do amigo de todos, como chamavam a Luiz

Gama, fosse por todos um pouco carregado. A considerável distância que separa os dois arrabaldes, devia ser percorrida a pé, para que a muitos fosse possível a honra de levar aquele glorioso cadáver.

Ao sair da casa, pegaram nas argolas Gaspar da Silva, do Centro Abolicionista, e outros amigos de Gama, como o dr. Antonio Carlos, o dr. Pinto Ferraz, o conselheiro Duarte de Azevedo...

Em roda do féretro apertava-se a multidão, empenhando-se por tomar as alças. Havia de prestar-se àquela grande relíquia uma homenagem ardente.

Para diante caminhava uma porção imensa do povo; atrás do préstito, desfilava uma enorme quantidade de carruagens, seguindo a passo.

Entre as carruagens, via-se o coche fúnebre. Vazio.

Era um préstito respeitável.

Em meio do caminho do Brás, uma banda de música, ali postada, saudou a aproximação do féretro com uns acordes lacrimosos, umas notas surdas que pareciam chegar do horizonte ou das nuvens.

Ritmados pela cadência daquela música, foram-se os passos da multidão pela estrada acima. Um silêncio mortal rodeava o finado, sendo apenas interrompido pelos que pediam que lhes deixassem também carregar o esquife.

[...] Na ladeira do Carmo, a irmandade de Nossa Senhora dos Remédios, para cujos fins de beneficência o defunto concorrera um dia, veio encontrar o enterro, com as opas de azul e branco e suas enormes velas, grossas como cajados.

Ao entrar na cidade, uma comissão de seis membros do Centro Abolicionista de São Paulo tomou as alças do caixão.

A cidade estava triste. Inúmeras lojas tinham as portas fechadas, em manifestação de pesar; as bandeiras das sociedades musicais e beneficentes da capital pendiam a meio mastro. Apinhava-se povo nos lugares por onde devia passar o enterro. As janelas acotovelavam-se as famílias. Em alguns pontos viam-se pessoas chorando.

Ia sepultar-se o amigo de todos.

– Nunca houve coisa igual em São Paulo, dizia-se pelas esquinas.

E o nome de Luiz Gama, coberto de bênçãos, corria de boca em boca.

No posto de honra das alças do esquife sucedia-se toda a população de São Paulo. Todas as classes representavam-se ali.

Reparou-se particularmente num contraste estranho. Em caminho da Consolação viu-se Martinho Prado Júnior, o homem que quer a introdução de escravos na província,

a fazer pendant com um negro esfarrapado e descalço. Um e outro carregavam orgulhosamente, triunfantemente o glorioso caixão.

Eu perguntei a mim mesmo se Martinho Prado era um escravocrata sincero.

[...] Às 7 horas, entrava para a capelinha do cemitério rodeando-o sempre uma multidão compacta, no meio da qual se confundiam os membros do Centro Abolicionista, da Caixa Emancipadora Luiz Gama, da Loja América, de que era venerável o finado, da Loja Sete de Setembro, da Sociedade Quatorze de Julho, do Clube dos Girondinos e outros. Na capela, ficaram depositadas as coroas oferecidas pelo Centro Abolicionista, pela Gazeta do Povo, pela imprensa portuguesa, pelo comércio de São Paulo, pelo Clube Ginástico Português, pela Academia de Direito...

POMPÉIA, Raul. “Última página da vida de um grande homem” in: *Gazeta de Notícias* [original: São Paulo, 1882]

Questões sugeridas como ponto de partida:

- A qual gênero textual o documento pertence? Na sua opinião, qual o público-alvo?
- O texto trata sobre o velório de Luiz Gama. Em linhas gerais, quem foi Luiz Gama?

Utilize elementos do texto na sua resposta.

- Quais pessoas/grupos sociais estiveram presentes no evento?
- O que a presença dessas pessoas/grupos sociais revelam sobre a figura de Luiz Gama?

Todos os textos se referem à participação de Luiz Gama na luta abolicionista, mas cada um abordando uma faceta dessa personagem bastante complexa; o objetivo é que os alunos, ao trocarem informações, descubram e reconstruam sozinhos a figura de Luiz Gama e sua atuação política. O primeiro texto para análise é o poema “Quem sou eu?” , publicado em *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*, enquanto o segundo se trata do famoso artigo “Emancipação”, escrito em defesa à José do Patrocínio; ambos os documentos revelam o pensamento de uma coletividade negra, a formação de uma consciência de negritude. O terceiro texto é a carta de cunho autobiográfico, escrita para Lúcio de Mendonça, onde o escritor negro conta sua história como ex-escravo e expõe seu trabalho de libertação de escravizados ilegalmente, além de seus ideias republicanos. O artigo publicado no *Correio Paulistano*, o texto da oficina 4, cita a participação de Luiz

Gama nos círculos maçons, revela (por meio das tentativas de calúnia) sua posição de relevância no debate sobre a questão servil e ainda seu apoio às agências cotidianas (nem sempre pacíficas) de escravizados. Por fim, o quinto documento são excertos do texto de Raul Pompéia quando do falecimento e velório de Luiz Gama, evento que corporifica a capilaridade da atuação e das ideias do ex-escravo tanto em ambientes populares quanto intelectuais, o que firma sua figura como uma liderança no imaginário abolicionista.

As análises deverão ser feitas em casa, a partir das questões que servirão de ponto de partida para os estudantes. Em sala, sugere-se que o docente estimule os alunos a trocarem informações sobre os respectivos documentos, formando grupos. Pode-se supor que nesse momento os alunos, ao perceberem o elemento unificador da atividade, possam adicionar novas informações, enriquecendo as próprias análises e estimulando o debate. Uma vez concluída essa etapa, o(a) professor(a) pode levantar os seguintes questionamentos para serem respondidos por toda a turma:

1. Quem foi Luiz Gama? Já o conheciam?
2. Quais estratégias de luta Luiz Gama adotou e/ou tomou parte ao longo da vida?
3. Apesar de todos os textos terem Luiz Gama como figura central, todos retratam, citam ou revelam outros agentes históricos que participaram da luta pela abolição, alguns nomeados outros não. Podem citar alguns? [aqui espera-se que sejam citados José do Patrocínio, as Lojas Maçônicas, mas também os próprios escravizados, artistas e literatos, libertos e livres populares]
4. Conhecer Luiz Gama mudou a perspectiva de vocês sobre o movimento abolicionista? Como?
5. Na sua opinião, por que Luiz Gama normalmente não é citado nas narrativas sobre a abolição, por exemplo, na história em quadrinhos da Turma da Mônica, da aula anterior?

AULA 4:Continuidades da luta abolicionistas e conclusão

A última aula dessa sequência didática se debruça sobre o pós-abolição, ou antes, sobre a continuidade da opressão contra a negritude no Brasil, em sua interseccionalidade de classe, ao longo dos séculos XX e XXI. O docente pode apresentar aos estudantes as tensões entre a memória oficial e a realidade de desigualdade e violência ainda vigente, bem como estabelecer diálogo com movimentos sociais atuais, como o “Vidas Negras Importam”. Para isso sugerimos que projete para os alunos o seguinte vídeo, uma leitura dramática da entrada de 13 de maio de 1958 de *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus (a leitura vai até a minutagem 2:30): <https://www.youtube.com/watch?v=mcFPTLPOpY8>

Após escutar a leitura do livro, o(a) professor(a) pode, se necessário, contar quem foi Carolina Maria de Jesus e contextualizar o livro *Quarto de Despejo* enquanto não-ficcional, bem como seu aspecto a um só tempo íntimo de diário e público, já que a autora tencionava publicar o texto. Em seguida, pode-se lançar a turma os seguintes questionamentos:

1. O que mais chamou a atenção na entrada de diário?
2. Como a autora avalia a Abolição da escravidão?
3. Como a autora avalia os males sociais que oprimem a ela e a sua família?
4. O que o título *Quarto de Despejo* denota sobre a realidade de Carolina? Em outras palavras, o que motivou a escolha do título?
5. Como a escritora avalia a relação entre os brancos e a negritude? O que o uso do termo “ilumine” denota nessa relação?

Se o docente achar interessante, após os questionamentos acerca do excerto de Carolina Maria de Jesus, pode passar o restante do vídeo (a partir da minutagem 2:30) no qual o coletivo produtor da leitura dramática expõe alguns dados sobre a desigualdade social e racial no Brasil. Nesse sentido, o documento é quase um palimpsesto, registrando tanto a

realidade da década de 1950 quanto de 2010. A partir do texto do coletivo pode-se levantar para a turma as seguintes questões:

- Como o coletivo avalia os males sociais na época de Carolina e no momento de produção do vídeo? Estabelece continuidades?
- Como o coletivo avalia a Abolição?
- Lembrem-se da atividade com a revista da Turma da Mônica. Como o coletivo avalia essa narrativa tradicional/oficial?
- Vocês acham esse exercício do coletivo, de questionamento da memória oficial, importante?

Após o debate a partir do vídeo produzido pelo Coletivo Na Raça, o docente pode projetar outro vídeo retirado da Internet, que retrata a derrubada da estátua do traficante de escravos Edward Colston em Bristol, durante as manifestações do movimento Black Lives Matter (Vidas Negras Importam): <https://www.youtube.com/watch?v=E6wxvKzLv0Q>

A partir do vídeo, o(a) professor(a) pode levantar os seguintes questionamentos:

- Qual o propósito da manifestação em depredar e derrubar a estátua?
- Apesar de ter ocorrido em Bristol, a derrubada da estátua aconteceu durante as manifestações de Black Lives Matter que tomaram o mundo todo em 2020, chegando inclusive no Brasil como Vidas Negras Importam. Vocês veem essa discussão sobre manter ou depredar monumentos públicos no Brasil?
- Qual o papel desempenhado por estátuas, homenagens e outros tipos de monumentos públicos?

Por fim, sugere-se que o docente projete ou distribua impresso o seguinte excerto de entrevista com a romancista afro-americana Toni Morrison, sobre seu romance *Amada* (*Beloved*):

Não existe lugar que eu ou você possamos ir, pensar ou não pensar, para convocar as presenças de, ou lembrar as ausências de escravos [...]. Não há memorial adequado, ou placa, ou grinalda, ou parede, ou parque, ou átrio de arranha-céu. Não há torre de 300 metros, não há pequeno banco à beira da estrada. Não há nem mesmo uma árvore marcada, uma inicial que eu possa visitar ou você possa visitar em Charleston ou Savannah, Nova York ou Providence, ou melhor ainda, nas margens do Mississipi. E porque tal lugar não existe [...] o livro teve que existir.

Entrevista com Toni Morrison, *The World*, 1989.

Se necessário, o professor pode contar um pouco sobre *Amada*, romance histórico da época da escravidão nos EUA, em que uma criança escrava morre para depois voltar como fantasma. A partir da leitura do texto sugerimos que o (a) professor(a) proponha à turma os seguintes questionamentos:

1. Para Toni Morrison qual a função desempenhada por monumentos públicos e lugares sirvam de marcos?
2. A romancista diz que por não existir tal lugar (um lugar que sirva de marco para a escravidão) o livro teve de existir. O que Toni Morrison quis dizer com isso?
3. Lembrem-se das aulas anteriores e das fontes que lemos. A partir do que disse Toni Morrison:
 - A) qual o impacto de representações como *O tronco do Ipê*, de José de Alencar, e da revista da Turma da Mônica?

B) em contrapartida, como vocês avaliam o esquecimento de obras como as de Maria Firmina dos Reis e de Luiz Gama pela população?

C) para vocês, é importante resgatar essas figuras históricas esquecidas?

Bibliografia

ALBERTI, Verena. “Algumas estratégias para o ensino de história e cultura afro-brasileira” in: PEREIRA, Amílcar Araújo; MONTEIRO, Ana Maria (org.). *Ensino de história e cultura afro-brasileiras e indígenas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013, p. 27 –55.

ALBUQUERQUE, Wlamyra. “Movimentos Sociais Abolicionistas” in: GOMES, Flávio; SCHWARCZ, Lilia M. (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2018, 253 – 290; 327–350.

ALENCAR, José dw. *O tronco do Ipê*. retirado do site da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4662>

ARAUJO, Ana Lucia. “Memória pública comparada da emancipação e da abolição da escravidão: Abraham Lincoln e princesa Isabel” in: in: CASTILHO, Celso Thomas; MACHADO, Maria Helena P. T. (org.). *Tornando-se livre*. São Paulo: Edusp, 2015, p. 451-473.

BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

FERREIRA, Ligia Fonseca. “De escravo escravo a cidadão: Luiz Gama, voz negra no abolicionismo” in: CASTILHO, Celso Thomas; MACHADO, Maria Helena P. T. (org.). *Tornando-se livre*. São Paulo: Edusp, 2015, p. 213-236.

____ (org.). *Lições de Resistência - Artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e Rio de Janeiro*. São Paulo: Edições Sesc, 2020, p. 238-240; 323-324.

GAMA, Luiz. “Carta à Lúcio de Mendonça” in: Cartas Brasileiras, RODRIGUES, Sérgio (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 28-33.

____. *Primeiras Trovas Burlescas* retirado do site Domínio Público: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2113

GOMES, Flávio; MACHADO, Maria Helena P. T. “Da abolição ao pós-emancipação: ensaiando alguns caminhos para outros percursos” in: CASTILHO, Celso Thomas; MACHADO, Maria Helena P. T. (org.). *Tornando-se livre*. São Paulo: Edusp, 2015, p. 19-42.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, RJ, vol. 2, n. 3, 1989.

REIS, Maria F. dos. “A Escrava” retirado do Portal de Literatura Afro-brasileira, da UFMG: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/977-maria-firmina-dos-reis-a-escrava>